

## IMENSIDADE E IMENSIDÃO: A DESNORTEANTE POESIA DE GEORGES BATAILLE

---

BATAILLE, Georges. *Poemas*. Tradução Alexandre Rodrigues da Costa, Vera Casa Nova. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015. (Coleção Fora de Série).

RODRIGO GARCIA BARBOSA\*

---

A poesia revela um poder do  
desconhecido. Mas o desconhecido  
é apenas um vazio insignificante,  
se ele não é objeto de um desejo.  
A poesia é meio termo, ela oculta o  
conhecido no desconhecido: ela é  
o desconhecido adornado de cores  
brilhantes e da aparência de um sol.  
(GEORGES BATAILLE, "SER ORESTES")

A coleção *Fora de Série*, da Editora UFMG, tem por propósito apresentar aos leitores brasileiros obras literárias de autores estrangeiros relevantes que ainda não tenham sido traduzidas no país. Entre os volumes que compõem a coleção, encontra-se *Poemas*, reunião da produção em verso do escritor e filósofo francês Georges Bataille (1897-1962), conhecido pelos ensaios sobre arte, literatura e religião, como *O erotismo*, *A experiência interior* e *A literatura e o mal*, pelas narrativas eróticas e transgressoras, como *História do olho* e *Madame Edwarda*, e pelas contribuições com importantes revistas que influenciaram as artes e o pensamento da primeira metade do século XX, como *Documents* e *Acéphale*.

Em edição bilíngue, organizada e traduzida pelos professores, pesquisadores e poetas Alexandre Rodrigues da Costa e Vera Casa Nova, *Poemas* apresenta uma das facetas menos conhecidas e comentadas de

---

\* Professor da Universidade Federal de Lavras/UFLA, Lavras, Minas Gerais, Brasil.  
E-mail: [rodrigobarbosa@dch.ufla.br](mailto:rodrigobarbosa@dch.ufla.br)

Bataille, inclusive entre aqueles já familiarizados com sua produção ensaística e literária; faceta de poeta que se desenha já na “Nota explicativa sobre os poemas”, em que os tradutores indicam as fontes que serviram de base para as traduções, revelando uma produção que oscila entre edições organizadas em livros, como os poemas de *L’Archangélique* (1944), e publicações dispersas em revistas, como a *Minotaure* (1936); manuscritos que assombram as versões acabadas e impressas, com rasuras, exclusões e indicações de destruição, e poemas extraídos de obras ensaísticas, como *A experiência interior* (1943) – membros mutilados que parecem ao mesmo tempo estranhos e essenciais aos corpos dos quais sugerem fazer parte. Assim se apresenta, portanto, a poesia de Bataille quando revelada à distância de uma visão global, exterior: já de partida uma produção vacilante e instável, não no sentido depreciativo de uma obra irregular e insegura, mas de uma condição tensa e precária, de uma poesia que busca se constituir e se constitui a partir de sua própria impossibilidade.

Tal condição, que as notas introdutórias indicam, é reforçada nos dois pequenos ensaios que antecedem os poemas. No primeiro, a tradutora Vera Casa Nova parte dos desafios comuns a toda tradução para destacar o caráter desnorteante da poética “indizível” de Bataille, cuja propensão é “não comunicar”, e que por isso mesmo oferece, a quem entra em contato com ela, a “inquietação” e o “sentido do provisório” que constituem o que a autora define como “a prática poética do erotismo” (p. 17). Prática que encontra expressão análoga, mas distinta, no ensaio seguinte, produzido por Eliane Robert Moraes e Fernando Paixão, e que fala de uma “estranha poesia” que se sustenta na instabilidade paradoxal de aparecimentos e apagamentos, de explosões e silêncios, de afirmações e fracassos; uma dinâmica que se constitui no estreito espaço que define os limites: entre *eu* e *não-eu*, entre silêncio e mudez, entre cegueira e visão, entre sublime e vulgar, entre integridade e desintegração; jogo de interdições e transgressões que transporta o erotismo dos corpos para a linguagem – linguagem erótica, vibrante, instável. Com isso, iniciados por essas leituras, penetramos com olhos menos desnorteados os poemas, ou pelo menos com olhos cientes de que a sensação de perda que persiste em

cada um deles não é um defeito do olhar, mas a condição mesma de uma poesia que busca dizer o indizível, “desvairada tentativa de falar além do logos” (p. 22), dirão Moraes e Paixão.

E então nos deparamos com o “além”, nas diferentes acepções da palavra, já no primeiro poema da coletânea, que abre a série intitulada *O Arcangélico*, cujo título “O túmulo” nos apresenta uma imagem ao mesmo tempo exata, em sua concretude imediata, e inapreensível, na imensidade do vazio que a preenche; imensidade que transborda os limites de sua denotação, que rompe o invólucro que dá à palavra integridade, não para simplesmente aboli-lo, mas para inquietá-lo, fazê-lo vibrar, oscilar entre um sentido e outro, torná-lo precário, instável, para enfim assassiná-lo e jogar com o seu cadáver:

Imensidade criminosa  
vaso rachado da imensidade  
ruína sem limites

imensidade flácida que me esmaga  
(BATAILLE, 2015, p. 29)

O traje preciso da palavra, assim como as formas concretas do objeto, são postos em crise a partir de sua própria interioridade que se exterioriza – o vazio e o silêncio que indicam a morte, a imensidão absoluta onde os seres descontínuos em sua unicidade reencontram a continuidade em sua dissolução no outro; dimensão cósmica e definitiva da reunião provisória dos corpos que Bataille explora em *O erotismo* (2013). Daí a condição múltipla dessa crise, que abarca palavra, objeto e sujeito, este que também é esmagado, desintegrado como *eu* particular e limitado, e consagrado a um *eu* coletivo e universal; uma *sagração* da linguagem, em todos os seus termos, que irá convertê-la na “linguagem *extraviada* [...] que é a literatura”, dirá Roland Barthes (2003, p. 124) a propósito não destes poemas, mas da *História do olho*, narrativa em prosa de Bataille à qual o crítico associa o rótulo “poema”, pela imaginação que ronda o improvável, o impossível, o inconcebível, o imenso (BARTHES, 2003, p. 116).

A referência a outra obra do autor, diferente da que é apresentada aqui e pertencente a outro gênero literário, nos coloca diante de mais uma questão que também surge a partir da leitura dos poemas: a de que estamos diante de um único texto que atravessa não só aquela que se organiza em versos, mas toda a produção do filósofo e escritor, em seus diferentes gêneros e classificações. O próprio Barthes (2004, p. 68) chama a atenção para esse aspecto, apontado na obra de Bataille – em *toda* a obra – a constituição de “um só e mesmo texto”. Contudo, o que nos interessa no momento é o recorte definido nestes *Poemas*, onde a questão também se coloca de maneira evidente, quando nos deparamos com versos como os reunidos na série *Poemas da Suma Ateológica*:

Quem sou eu  
não “eu” não não  
mas o deserto a noite a imensidão  
(BATAILLE, 2015, p. 105)

As imagens retornam, um mesmo texto se reescreve: às vezes com leves deslocamentos, como na distância que separa “imensidade” e “imensidão”, abertura tão estreita e tão profunda, se mergulharmos em suas possibilidades<sup>2</sup>; outras vezes como o *eu* que também retorna, explícito ou não, sempre desnordeado e dissolvido, de êxtase ou de horror, diante da dimensão esmagadora da existência: a falha ou fissura que instaura o vazio no cheio, a noite no dia, o céu na terra, a morte na vida; dramas impessoais, universais, cósmicos:

eu grito para o céu  
não sou eu quem grita  
neste rasgar de trovão

---

<sup>2</sup> É interessante observar que nos dois trechos destacados os versos originais em francês apresentam a mesma palavra “*immensité*” que, no entanto, encontra traduções diferentes nas versões em português. Questões como esta revelam as marcas dos tradutores, o seu jogo também erótico, oscilante, entre fidelidade e traição, interdito e transgressão, jogo que merece uma análise própria, principalmente se considerarmos que todos os jogadores envolvidos são poetas.

não sou eu quem morre  
(BATAILLE, 2015, p. 115)

Entretanto, dessa reescrita não resulta uma estabilidade dos sentidos, como em uma espécie de reiteração que visa a depuração ou o acabamento, mas o contrário. Ao retornarem as imagens frequentemente se desdizem e reviram, assumindo direções inesperadas e até mesmo escandalosas, conduzindo o texto, e com ele o leitor, em um declínio muitas vezes vertiginoso e violento, acentuado ainda pela ausência de referências que permitam pontuar os versos, identificar imediatamente suas estruturas lógicas, reconhecer no primeiro instante onde terminam e iniciam os termos:

Ó crânio ânus da noite vazia  
o que morre o céu sopra  
o vento traz a ausência à obscuridade

Deserta um céu falseia o ser  
voz vazia língua pesada de caixões  
o ser se choca contra o ser  
a cabeça oculta o ser  
a doença do ser vomita um sol negro de escarros.  
(BATAILLE, 2015, p. 149)

O surgimento repentino do abjeto nesse horizonte cósmico (*arcangélico*, ainda que *ateológico*) em que os poemas se encerram não só insere o baixo e o vulgar no interior daquilo que comumente se tomaria como elevado e sublime, mas também, como uma mancha, uma fresta, uma frincha, ressalta o informe – o que não se submete aos invólucros da ordem, da precisão, da estabilidade – que contamina todo o universo da poesia batailleana e desfaz as barreiras que separam o sagrado e o profano, entrelaçando os fios que eroticamente ligam, nesse encontro entre vida e morte, céu, corpo e livro; deuses, vulvas e poesia:

tua bunda é minha deusa  
ela se abre como tua boca

eu a amo como o céu  
eu a venero como um fogo

bebo em tua ferida  
estendo tuas pernas nuas  
eu as abro como um livro  
onde leio o que me mata.  
(BATAILLE, 2015, p. 147)

A morte parece ser esse infinito a que os poemas de Bataille aspiram, a *imensidade* e a *imensidão* que constituem o texto que os atravessam, para falarmos como Barthes, realizado provisoriamente no jogo erótico das palavras que se interdita e se transgridem, no gozo que experimentam diante do seu fracasso e de sua impossibilidade. É o que reforça o tradutor Alexandre Rodrigues da Costa, em outro ensaio que encerra o volume, e que parece nos consolar, ao final do livro, pela nossa incapacidade e pela nossa derrocada, como leitores, diante de poemas que “nos cegam com o desequilíbrio do verso, a insuficiência e a desfiguração de suas palavras” (p. 343); fracasso inevitável quando nos colocamos diante de uma poesia que congrega o desejo e o desconhecido, abismos insaciáveis para nossa frágil e limitada existência humana.

.....

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Tradução Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. A metáfora do olho. In: BATAILLE, Georges. *História do olho*. Tradução Eliane Robert Moraes. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 115-124.

BATAILLE, Georges. *Poemas*. Tradução Alexandre Rodrigues da Costa, Vera Casa Nova. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015. (Coleção Fora de Série).

\_\_\_\_\_. *O erotismo*. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

\_\_\_\_\_. *História do olho*. Tradução Eliane Robert Moraes. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

---

Submetido em 17 de fevereiro de 2017

Aceito em 07 de março de 2017

Publicado em 20 de junho de 2017

---